

A derrota da Aliança Democrática

Principais partidos e do governo Sarney e da Aliança Democrática, o PMDB e o PFL foram soterrados pelos resultados do primeiro turno das eleições presidenciais. Ao apresentar dois candidatos que não empolgaram a população durante a campanha, os partidos já estavam divididos muito antes de conhecerem os primeiros votos apurados no País. Perderam no Brasil todo, e até mesmo nas cidades onde nasceram os candidatos Ulysses Guimarães e Aureliano Chaves.

Não foi diferente no Distrito Federal. Praticamente apenas o presidente regional do PMDB, Joselito Corrêa, fez campanha até o último momento para o deputado Ulysses Guimarães, apoiado somente pelo secretário do Trabalho do GDF, Ildeu Leonel de Paiva. O governador Joaquim Roriz, também, garantiu ter votado em Ulysses, mas durante as duas semanas que antecederam a votação defendeu o "voto útil" e liberou seu secretariado para apoiar qualquer candidato.

A medida foi o sinal verde para que quase toda a assessoria do governador aderisse, na última hora, ao candidato do PSDB, Mario Covas. Em uma sala da assessoria especial de Roriz, no térreo do Palácio do Buriti, foi instalado um verdadeiro comitê eleitoral tucano, que passou os dias 14 e 15 últimos distribuindo centenas de brindes como camisetas, buttons e adesivos. Várias pessoas que se identificaram como servidores do GDF usavam e distribuíam, na terça-feira, material de propaganda de Mario Covas.

Apoio tardio

O presidente do Movimento Comunitário Unido, Euclides Ferreira, acha que o candidato do PSDB poderia ter vencido a eleição em todo o Distrito Federal se Roriz tives-

se manifestado o mais cedo sua simpatia por Mario Covas. Ele acredita, porém, que seu grupo foi responsável por mais de 30 mil votos dados ao senador paulista no Plano Piloto: "São moradores de Samambaia que viviam em favelas no Plano e não transferiram seus títulos", garante Euclides.

Ele já foi ligado ao empresário Múcio Athaíde, mas apóia Roriz desde o início da distribuição de lotes semi-urbanizados pelo governador, e garante que a maioria das 70 associações de moradores do MCU vota no mesmo candidato de Roriz no segundo turno. "Estamos querendo apenas uma decisão mais rápida do governador para entrar cedo na campanha eleitoral", disse Euclides. Dentro do Palácio do Buriti, a campanha foi coordenada pelo diretor executivo da Fundação do Serviço Social, Willians Cavalcante, que é, também, o coordenador do programa de assentamento do GDF.

Depuração

O presidente regional do PMDB, Joselito Corrêa, defende que a partir desta semana o partido comece a fazer uma "depuração" entre seus filiados, em torno de 25 mil eleitores. Ele achou "uma leviandade" a colocação de um comitê pró-Covas no Palácio do Buriti, e pretende promover até a expulsão, se necessário, daqueles que considera "traidores" dentro do PMDB. Mas esta medida não terá a repercussão desejada, principalmente no âmbito do Governo do Distrito Federal, cujos principais integrantes, a exemplo de Roriz, mantêm sua filiação ao PMDB de Goiás.

Os que deixaram o barco de Ulysses, no entanto, não são apenas os integrantes da equipe de Roriz. O ex-secretário de Indústria, Comércio e Turismo e candidato a senador, Lindberg Aziz Cury, garante que votou no "Velhinho",

mas não esconde que torceu o tempo todo para Guilherme Afif Domingos, do PL. Lindberg, também, reconheceu a divisão do PMDB após a campanha para o primeiro turno, que deve prevalecer, também, no segundo turno das eleições presidenciais. Mas ele acredita que, para se recuperar, o partido vai precisar de alianças, a serem decididas na convenção de março próximo, visando a disputa da eleição para o governo local no ano que vem.

Silvio Santos

O presidente regional do PFL, empresário Osório Adriano, atribuiu a baixa votação de seu partido no primeiro turno das eleições presidenciais ao desentendimento que tomou conta da executiva nacional. Ele afirmou que deixou "a coisa correr livre", o que proporcionou uma divisão básica em dois grupos: um que se manteve fiel à candidatura de Aureliano Chaves, escolhido através de prévias nacionais, e outro grupo que preferiu tentar a candidatura de Silvio Santos e acabou sem ter onde aportar no 15 de novembro.

Outros integrantes do PFL, segundo Osório, votaram em candidatos de diferentes partidos, mas ele próprio prefere manter seu voto em segredo. Osório Adriano informou que os entendimentos para o segundo turno começam na reunião da executiva nacional do PFL, na próxima terça-feira. Sobre as eleições do próximo ano no Distrito Federal, Osório não quer arriscar falar em composições suprapartidárias, e prefere apostar numa candidatura própria do PFL para recuperar o prestígio que o partido chegou a ter em Brasília após as eleições de 1986. Ele acha que na fase atual da democracia no Brasil uma eleição depende diretamente da outra, com o detalhe de que os candidatos não vencem nos locais onde já são governo. (O. B. J.)